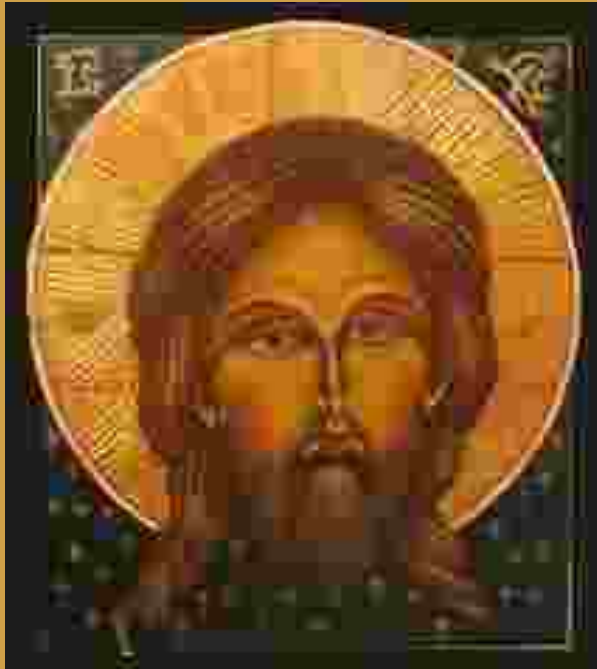


ANO LXVI N° 341  
JULHO/SETEMBRO 2014



GRAÇAS DO  
PADRE CRUZ SJ

## PRECES PARA UMA NOVENA



Deus infinitamente misericordioso que desceste do Céu à terra para ser a salvação e o modelo de todos os homens; Vós que dis-sestes: Pedi e receberéis, procurai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á, pelos méritos e intercessão do Vosso servo P. Cruz que, perfeito imitador Vosso, abrasado em caridade, passou igualmente pela terra a fazer bem: consolando os aflitos, socorrendo os necessitados, visitando os pobres e encarcerados e convertendo os pecadores.

Concedei-nos a graça de imitar as suas virtudes, principalmente o seu espírito de oração e união com Deus, o espírito de fé viva, de esperança firme e de amor ardente, a devoção filial à SS.ma Virgem, o zelo pela salvação das almas e o horror a tudo o que desgoste o divino Espírito Santo e nos torne menos dignos da Sagrada Comunhão. Concedei-nos em particular a graça de... se for para honra Vossa, para bem das nossas almas e glória do vosso Servo. Assim seja.

*Pai Nosso, Avé Maria e Glória.*

*Bondoso Padre Cruz, rogai por nós!*

### Oração

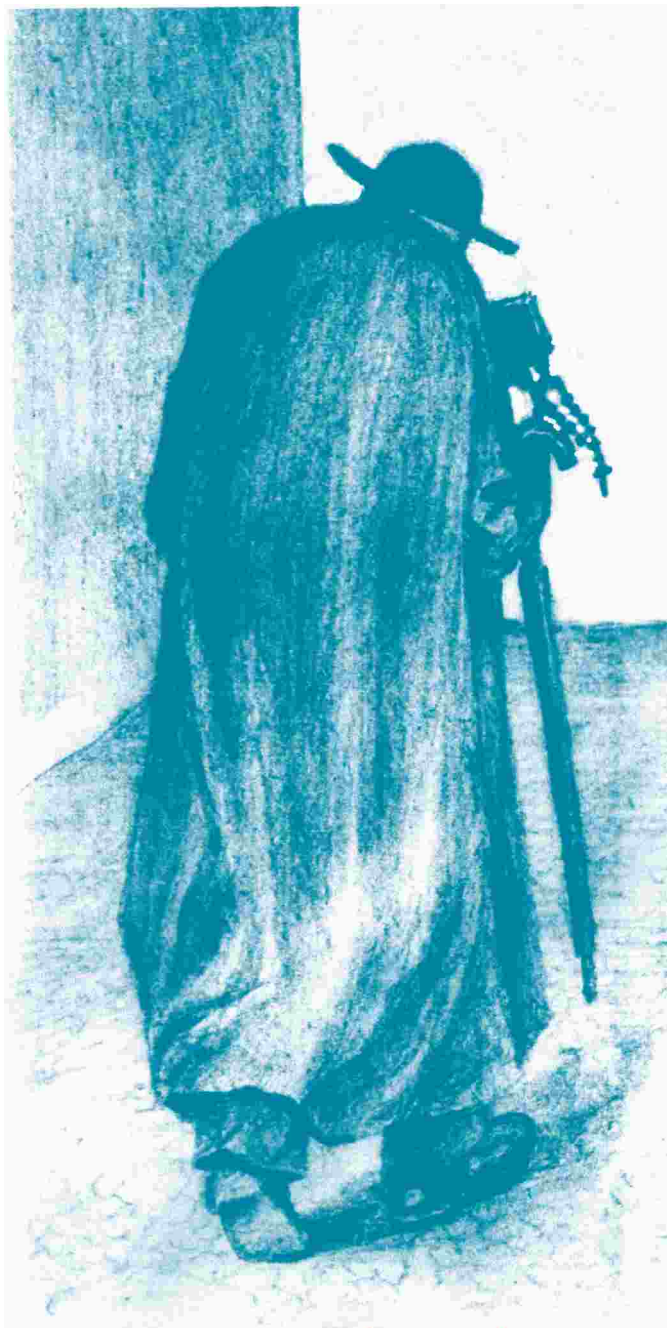
Senhor Jesus Cristo, que dissestes: Se não vos tornardes como pequeninos, não entrareis no reino dos céus, olhai para a humildade e simplicidade com que o Vosso servo Francisco procurou a glória divina e o bem temporal e sobrenatural dos humildes, e dignai-Vos glorificar o Vosso discípulo fiel com a auréola da santidade, se isso for da Vossa maior glória.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

Assim seja.

**Nota:** Estas preces destinam-se a devoção particular.

Evite-se cuidadosamente tudo o que pareça culto público.

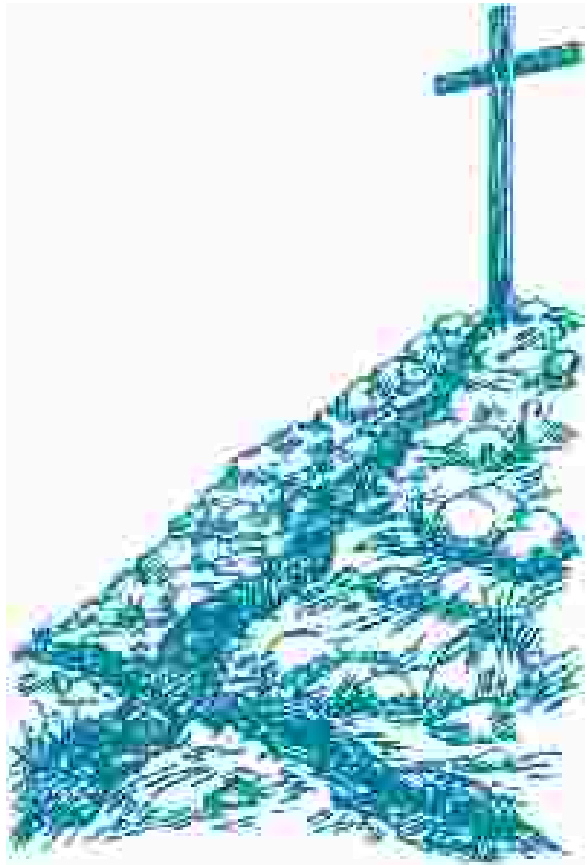


# Índice :

Santidade não é fuga do mundo .....	pág. 67
Os santos não são “super-homens” .....	pág. 69
O Amor: Fonte de valores.....	pág. 72
Quando menos pensarmos, teremos um Santo	
Padre Cruz e Venerável Padre Cruz .....	pág. 78
São José, esposo de Maria.....	pág. 82
Aviso de Novo Número de Telefone .....	pág. 85
<b><u>AVISO: Missa</u></b> na Capela e Abertura do Jazigo.....	pág. 86
A Virgem, a Salvação e a Igreja .....	pág. 87
Deram Esmola e agradecem Graças.....	pág. 93
Missas .....	pág. 96



## Como Ser Santo?



### Santidade não é fuga do mundo

**Q**uer saber como ser santo? Faça bem todas as coisas. Leve Jesus para todos os lugares. Convide-O para estar em todos os lugares. Santidade não é fuga do mundo, mas transformação deste mundo.



É bom saber que podemos deixar marcas de Céu na vida de todos aqueles que estão ao nosso redor. Isso é ser santo. Fazer bem todas as coisas e amar. Esse é o segredo da santidade, a verdade de uma humanidade que vive ela própria na plenitude. O amor é tudo o que as pessoas procuram.

Somos o que queremos ser. Somos, por assim dizer, obra de nossas mãos. Em cada escolha nossa, deixamos um rastro de nosso jeito de ser pessoa e, assim, deixamos um jeito de ser santo. ***O amanhã depende muito de como vivemos o hoje. Não deixe a vida o levar; leve a vida! Não a desperdice!***

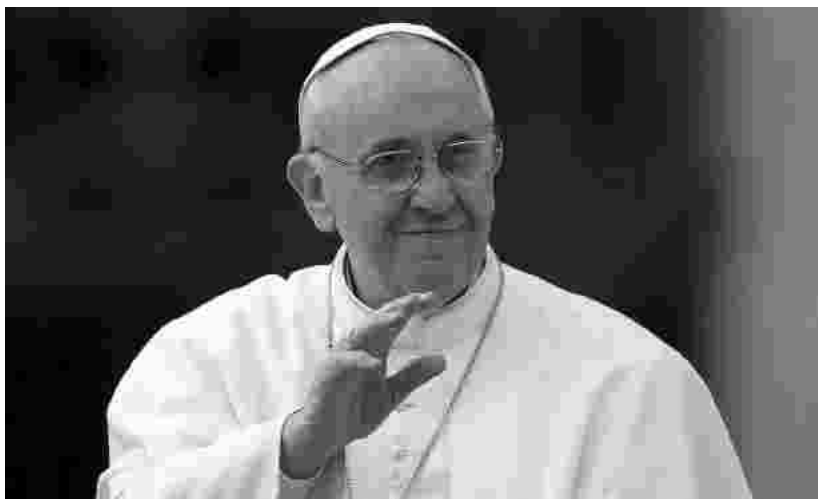
Existem muitas pessoas que pensam viver, mas, na verdade, estão a fingir. Ao mesmo tempo, muitos acreditam que, para ser santos, devem deixar de viver. Não é nada disso. A ordem é: Viva! Viva a vida! Deseje o Céu!

É hora de nos levantarmos e propormos uma santidade linda, apresentada pela Igreja Católica há mais de dois mil anos e que é possível. Vamos santificar os nossos namoros, o nosso trabalho, as nossas amizades, a nossa diversão. O mundo e Deus esperam isso de nós!

Lembra/se do jovem do Evangelho que era muito rico e um dia perguntou a Jesus o que era preciso para ganhar a vida eterna? Se quiser, confira essa passagem em Mateus (19, 16-22); ele percebeu a riqueza da sua juventude. Foi até Jesus, o Bom Mestre, para buscar uma orientação. Mas, no momento da grande decisão, não teve coragem de apostar tudo em Jesus Cristo. Saiu dali triste e abatido. Faltou-lhe a generosidade, o que impediu uma realização plena. Não podemos desperdiçar a nossa juventude. Devemos vivê-la intensamente, apostando tudo em Jesus e sendo gente, humanos. Sempre com a certeza de que é possível sermos santos de calças de ganga.

Adriano Gonçalves





## Os santos não são “super-homens” e ser santo não é “privilégio de poucos”

Durante o Angelus, por causa da celebração de Todos os Santos, o Papa Francisco lembra que o objetivo da nossa vida não é morte mas o Paraíso.

Às 12 horas do dia 1 de novembro, Solenidade de Todos os Santos, o Papa Francisco apareceu na janela do seu escritório no Palácio Apostólico Vaticano para recitar o Angelus com os peregrinos reunidos na Praça de São Pedro e depois da oração mariana falou assim ao todos os fiéis:

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

A festa de Todos os Santos, que hoje celebramos, lembra-nos que o objetivo da nossa existência não é a morte, é o Paraíso!



Isto foi escrito pelo apóstolo João: “O que seremos ainda não se manifestou. Sabemos que por ocasião desta manifestação seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é” (1 Jo 3, 2). Os santos, os amigos de Deus, garantem-nos que esta promessa não dececiona. Na sua existência terrena, de facto, viveram em profunda comunhão com Deus. No rosto dos irmãos menores e desprezados viram o rosto de Deus, e agora contemplam-no face a face, na sua beleza gloriosa.

Os santos não são super-homens, nem nasceram perfeitos. São como nós, como cada um de nós, são pessoas que antes de chegar à glória viveram uma vida normal, com alegrias e tristezas, lutas e esperanças. Mas o que foi que mudou as suas vidas? Quando conheceram o amor de Deus, seguiram-no com todo o coração, sem condições e hipocrisias; consumiram as suas vidas no serviço dos outros, suportaram sofrimentos e adversidades sem odiar e respondendo o mal com o bem, difundindo alegria e paz. Esta é a vida dos Santos: pessoas que por amor a Deus não lhe colocaram restrições nas próprias vidas; não foram hipócritas; gastaram as suas vidas no serviço dos outros para servir o próximo; sofreram muitas dificuldades, mas sem odiar. Os Santos nunca odiaram. Compreendam bem isso: o amor é de Deus, mas o ódio vem de quem? O ódio não vem de Deus, mas do diabo! E os santos afastaram-se do diabo; os Santos são homens e mulheres que têm a alegria no coração e a transmitem aos outros. Nunca odiar, mas servir os outros, os mais necessitados; orar e viver na alegria; esse é o caminho da santidade!

Ser santos não é um privilégio de poucos, como se alguém tivesse recebido uma grande herança; todos nós no Baptismo temos a herança de poder tornar-nos santos. A santidade é uma vocação de todos. Todos, portanto, somos chamados a percorrer





o caminho da santidade, e este caminho tem um nome, um rosto: o rosto de Jesus Cristo. Ele nos ensina a sermos santos. Ele nos mostra o caminho do Evangelho: o das Bem-aventuranças (cf. Mt 5, 1-12). O Reino dos Céus, na verdade, é para aqueles que não depositam a sua confiança nas coisas, mas no amor de Deus; para aqueles que têm um coração simples, humilde, não presumem que são justos e não julgam os outros, aqueles que sabem sofrer com quem sofre e alegrar-se com quem se alegra, não são violentos mas misericordiosos e buscam ser artífices de reconciliação e de paz. O Santo, a Santa é artífice de reconciliação e de paz; sempre ajuda as pessoas a se reconciliarem e sempre contribui para que haja paz. E assim, a santidade é bela; é um belo caminho!

Hoje, nesta festa, os santos dão-nos uma mensagem. E dizem-nos: confiem no Senhor, porque o Senhor não decepciona! Nunca decepciona, é sempre um bom amigo ao nosso lado. Com o seu testemunho os Santos nos encorajam a não termos medo de nadar contra a corrente ou de sermos mal interpretados e ridicularizados quando falamos d’Ele e do Evangelho; mostram-nos também com as suas vidas que aqueles que permanecem fiéis a Deus e à sua Palavra experimentam já nessa terra o conforto do seu amor e depois “cem vezes mais” na eternidade. Isso é o que esperamos e pedimos ao Senhor pelos nossos irmãos e irmãs defuntas. Com sabedoria a Igreja colocou muito próximas a festa de Todos os Santos e a Comemoração de todos os fiéis defuntos. À nossa oração de louvor a Deus e de veneração aos espíritos bem aventurados une-se à oração de sufrágio por todos aqueles que nos precederam na passagem desse mundo à vida eterna.

*Confiemos a nossa oração à intercessão  
de Maria, Rainha de todos os Santos.*



# O Amor: Fonte de Valores

CARDEAL D. EUSÉBIO OSCAR SCHEID

O tema desta semana afeta a vida e o nosso próprio modo de ser diante de Deus. O amor, consubstanciado, principalmente, no perdão e na misericórdia, é a resposta de Deus ao mal que, muitas vezes, invade e desnorteia nossa vida moral e espiritual. Para tratar do assunto, valho-me de textos inspirados de São João e de São Paulo e, finalmente, dos luminosos exemplos dos Santos.

O amor nasce de Deus e conduz a Deus. Este é o princípio fundamental, que devemos lembrar, logo de início. Na essência, o que de melhor podemos dizer sobre Deus é que Ele é Amor. “Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi Ele que nos amou” (1Jo 4,10), a tal ponto, que nos criou à sua imagem. Não somos a Imagem de Deus “a Imagem dele é Cristo, Imagem esplendorosa, encarnada, visível entre nós e glorificada em sua natureza humana.

A partir do próprio Cristo, nosso modelo, conhecemos os dons que Deus nos concedeu. Em primeiro lugar, temos a liberdade, um dos grandes sinais do amor de Deus por nós. Temos uma vontade, que pode dirigir a qualquer criatura o seu bem-querer ou, até, a própria repulsa. Temos uma inteligência que, como dizia Santo Tomás, está aberta a todo tipo de conhecimento, mesmo que nossas limitações não nos permitam compreender tudo.

Além disso, Deus dotou-nos com a capacidade de reconhecermos e desenvolvermos valores humanos, já desde o nosso nascimento. Evidentemente, eles começam recônditos dentro de nós, como sementes em germinação. O despertar, a eclosão desses valores deve-



se aos estímulos, suscitados pelo amor, que testemunhamos e compartilhamos ao longo de nossa vida. Podemos dizer que o amor é a força criadora, ou propulsora, dos valores.

Aqui abordamos, brevemente, a teoria dos valores. Recordamos Maurice Blondel, Henri Bergson e Max Scheler, que trabalhou com Edmund Husserl, professor de Santa Edith Stein. Max Scheler é um escritor muito interessante de se ler, quando se refere aos valores, ponto central do seu pensamento filosófico. Ele argumenta que os valores existem em numa ordem objetiva, sempre em relação à pessoa, que pode realizá-los através da experiência do amor, no relacionamento com os outros. Essa experiência é que a faz amadurecer e aperfeiçoar a própria personalidade.



O apreço que se tem por aquilo que se ama, é uma das primeiras manifestações do valor. As potencialidades existentes nas pessoas são capacidades apenas a floradas. Quando amadurecidas, resultam numa pessoa, verdadeiramente, amável, cuja personalidade suscita o amor dos que se relacionam com ela. O amor é uma resposta ao que se lhe oferece. Isto leva a uma união de pessoas, numa convergência de valores, e faz com que se forme uma aliança. Da aliança surge o respeito, a estima, enfim, uma reciprocidade de amor: dar e receber.

Entretanto, nunca se confunda amor com paixão. Paixão é sentir-se atraído pelas pessoas, ou pelas coisas, em função do serviço que me prestam, pelo que me servem. Aí entra o egoísmo e o amor já não tem lugar. Apreciar o outro pelo que posso usufruir dele é muito frágil e passageiro. A atração e o fascínio podem existir hoje, mas amanhã terão fim, sobretudo quando surgem os problemas e a necessidade de se preocupar com o outro. O verdadeiro amor é o apreço pelas pessoas em si mesmas, não pelo serviço que me prestam. É claro que,



para isso, é preciso conhecer e valorizar o tesouro do outro, que está diante de mim, embora se revele, ainda, em forma latente.

O amor exige reciprocidade. Daí o amor de aceitação - o que de graça se recebe, deve-se retribuir. “Amor com amor se paga”. Todos sabemos, por experiência, o que isto significa e como é gratificante acolher o amor que alguém nos dedica. Saber-se amado é um privilégio que nos motiva a tornar-nos melhores.

Até aqui tratou-se do amor natural. Este, porém, pode ser elevado a um nível mais sublime, chegando ao sobrenatural, quando inspirado pelo próprio Deus. Assim, os que são mais capazes de amar aceitam sofrer pela pessoa amada e, até, pelos seus ideais.

O mais perfeito amor é absolutamente gratuito, pois tem reflexos do amor divino: “Quisesse alguém dar tudo o que tem para comprar o amor... seria tratado com desprezo” (Ct 8,7). A mãe, por exemplo, não ama o filho por causa de suas qualidades. Ela ama por ser mãe, indistintamente de qualquer valor que tenha a criança, ou que a mãe possa aduzir de seu corpo, de sua vida, de seu relacionamento.

Observemos o modelo de São Paulo: “Tornei-me tudo para todos, a fim de salvar alguns a qualquer custo” (1Cor 9,22). “Estando convosco e passando alguma necessidade, não fui pesado a ninguém, porque os irmãos que vieram da Macedónia supriram o que me faltava. Em tudo me guardei e me guardarei de vos ser pesado” (2Cor 11,9). Nada quis dever a ninguém, a não ser, é claro, o amor recíproco.

O modelo maior é o próprio Cristo. São João narra a sua palavra, na noite da despedida: “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz seu senhor. Mas chamei-vos amigos, pois vos dei a conhecer tudo quanto ouvi de meu Pai” (Jo 15,15). Ora, Jesus é o “tudo” de Deus, feito gente. Deu-nos tudo que recebeu do Pai: o ensinamento, a verdade, a cura e a libertação... a própria vida. E para deixar um sinal desse “tudo” às gerações futuras, instituiu a Eucaristia, na qual oferece o seu próprio Corpo e Sangue: “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19).





*O amor não pode ser  
interesseiro,  
camuflado ou parcial.*

A exemplo de Jesus, os Santos Mártires também deram a própria vida, como prova da doação total no amor: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos” (Jo 15,13). Jesus é o grande Amigo dos Santos e, através dele, estes nossos irmãos e irmãs maiores se fazem, também, nossos amigos.

Num contexto de profunda espiritualidade cristã, Santa Teresinha do Menino Jesus, Doutora da Igreja, afirmava que Jesus era o seu único amor. Mas, quando pudesse fruir da eterna bem-aventurança desse amor, ela pensaria em cada um de nós, pois desejava “passar o céu, fazendo o bem sobre a terra”, pois “amar é dar tudo e dar-se a si mesma”.

O amor não pode ser interesseiro, camuflado ou parcial. Não admite reservas ou restrições, até porque ultrapassa o sentimento: é ato da vontade, inspirada por Deus. Peçamos ao Senhor essa totalidade de doação, que brota da sua Cruz e atravessa os séculos, realizando-se nas vidas de seus seguidores. Somente assim poderemos conhecer o que significa o verdadeiro amor e quais os valores que dele emanam.



## O estilo de Deus

Desde o ano 2008 que a crise, entendida sobretudo na sua aceção económica e financeira, é o conceito dominante na sociedade contemporânea. Tem, nesta aceção, um sentido muito negativo, na medida em que tem levado multidões de pessoas para condições de extrema penúria, para as margens da sociedade. Mas o conceito de crise possui também uma aceção que seria necessário pôr em relevo hoje: permitir uma meditação sobre o que é bem ou mal, digno ou indigno da condição humana.

Os tempos modernos foram marcados pela ideologia do progresso e do bem-estar. Pertencço à geração idealista dos anos 60 em que pensávamos que tínhamos nas nossas mãos todas as condições para alcançar o *fim da história*, no reino da democracia, da liberdade, do progresso e da felicidade. Pensava aquela geração que havia chegado o tempo em que a ciência e a tecnologia poderiam transformar o mundo num livro aberto que falava só do homem e das suas possibilidades, ficando a fé em Deus relegada para a inutilidade residual, que só os fracos e os desprovidos de cultura ainda aceitariam.

Como é diferente hoje o espírito do tempo! É verdade que a relação com Deus continua a muitos títulos residual. Mas o facto é que é hoje igualmente residual e frágil a relação do homem com o seu semelhante, que se tornou suspeito e perigoso. Hoje muitos se refugiam numa relação virtual com os que estão longe, ignorando os que estão próximos, gerando-se uma rede virtual de solidões incomunicáveis. É verdade que as redes sociais nos colocam em contacto com todo o universo humano no plano planetário. No entanto, as presenças virtuais não preenchem o mistério da solidão e, por isso, pela urgência das presenças reais, talvez seja preciso declamar de novo o poema de John Donne: *Nenhum homem uma ilha, isolado em si mesmo*.

Em muitos setores da cultura contemporânea, a terra e os animais, na ideologia ecologista e do género, têm mais direitos e proteção do que o homem. Ainda há pouco tempo Isilda Pegado escrevia um



notável texto sobre a nova condição de *filhos de pai incógnito*, agora não por medo e imposição do pai, mas pelo ‘querer da mãe’. A mãe decide que quer ter um filho, só seu, cujo pai fique incógnito (dador anónimo) e faz inseminação artificial a partir do banco de esperma para poder gerar uma criança que é ‘só sua’». Esta verificação mostra que estamos em presença de uma sociedade em decadência, pelo menos a partir da nossa visão cristã do mundo e do homem, porque desaparece a noção de paternidade, tanto humana como divina, perde-se a noção da geração, como experiência originária que suporta o nosso ser como filhos, em que não só temos um nome, mas este nome diz uma relação de origem com o pai e a mãe, que tem nome próprio e que nos deram um nome pelo qual nos reconhecemos.

Há tempos alguém me confidenciava que esta ideologia do género, eco-feminista e abortiva, tem como finalidade dar cabo da *esquerda*, pois é a esquerda que reivindica para si estas medidas fraturantes, que podem ser barulhentas na reivindicação, mas que não tem futuro, pois o futuro é para quem acredita na vida e a serve. Penso que seria melhor que a esquerda ou a direita se debatesses em torno de valores que nos fazem viver e não de reivindicações que fraturam e que matam.

Na sua mensagem para a Quaresma, o Papa Francisco fala-nos do estilo de Deus e refere três formas de miséria, sendo que a mais grave não é a material, mas sim a moral e espiritual, que representam um suicídio antecipado. Assim como Cristo nos salvou com a sua pobreza, pois foi por ela que Ele nos enriqueceu, assim devemos redescobrir a sentido da pobreza segundo o Evangelho, que é disponibilidade e abertura para o hoje de Deus nas nossas vidas, não antepondo nada a Ele.

O Papa Francisco exorta-nos a vivermos segundo o estilo de Deus, que quer que vivamos como filhos, na Igreja mãe. Não somos filhos de Pai incógnito: é a nossa Mãe, a Igreja, que na sua materna solicitude nos diz quem é o nosso Pai e que o devemos respeitar e amar acima de todas as coisas.

P. José Jacinto Ferreira de Farias, scj





## QUANDO MENOS PENSARMOS, TEREMOS UM SANTO PADRE CRUZ

*Nascimento 1858*

**A** 29 de julho de 1858 nasceu, em Alcochete, o Padre Francisco Rodrigues da Cruz. Esta Vila já notável, entre outros motivos, por ter sido o berço de D. Manuel I, o Venturoso, e do Beato Manuel Rodrigues, um dos 40 mártires do Brasil, viu crescer a sua importância, por aqui ter nascido, aquele que já em vida era conhecido pelo Santo Padre Cruz, que esperamos, um dia, venerar nos altares. A humanidade celebra na sua história inúmeros grandes acontecimentos.





Mas os grandes acontecimentos humanos são aqueles em que nasce um santo, pois o nascimento de um santo tem repercussões eternas.

É que o santo não é apenas um homem virtuoso que Deus premeia no fim da jornada.

Um santo não é apenas um lutador que venceu no bom combate, ou um fiel servidor que adquiriu o hábito do dever.

Um santo é um semeador de ideal que espalha o bem e prepara colheitas para o céu. Do nascimento do Santo Padre Cruz em Alcochete nos orgulhamos todos nós, juntamente com a Vila de Alcochete, porque ela foi o berço daquele que seria outro S. João Maria Vianney, o Santo Cura d’Ars, que faleceu uma semana depois de nascer o Santo Padre Cruz. Esta coincidência parece dizer-nos que Deus não queria apagar uma luz sem nos deixar outra acesa. Santo foi o nome que lhe puseram já aos 35 anos de idade e a fama de santidade foi sempre em aumento, até ao seu falecimento. Bispos, sacerdotes, pessoas de todas as categorias sociais o tinham por santo e como tal o veneravam. E esta fama cresceu a tal ponto que, depois da morte, o seu jazigo, no cemitério de Benfica, é visitado diariamente, por muitos fiéis, que lá vão cumprir promessas, pedir e agradecer graças, alcançadas de Deus, por sua intercessão.

É certo que, por vezes, se notam exageros a raiar pela credice ou superstição. Claro está que o Padre Cruz não tem culpa daquilo que não é querido nem desejado por ele. Toda a sua vida foi um serviço de amor a Deus, servindo os homens. Num tempo crítico para a Igreja de Portugal, num tempo de perturbação da ordem e da negação de tantos valores, teve lugar a acção apostólica do Padre Cruz. A sua figura inconfundível foi para o povo português católico, naquele tempo, uma âncora salvadora: levemente corcovado, um sorriso de inocência sempre no seu rosto fatigado, um ar de recolhimento habitual, perdido em Deus, na intimidade divina que o atraía a desprender-se dos bens terrenos, para os dar generosamente aos mais necessitados que encontrava. Mesmo nos tempos mais revoltosos e intolerantes, o



Padre Cruz trajava sempre batina e roupão eclesiástico, e na cabeça, um largo chapéu, já gasto pelo uso. Assim o conheceu Portugal, assim se recordam dele, hoje, muitos que o conheceram. A presença do Padre Cruz em missões e tríduos pelas aldeias e vilas do país; o encontro do Padre Cruz nos comboios, nas ruas de Lisboa, nas Igrejas, nas cadeias, nos hospitais, sempre aliviando penas, confortando misérias, dando coragem aos timoratos e oferecendo certezas numa renovação cristã aos desalentados, era um espectáculo a que Portugal se habituara. Sim, porque o Padre Cruz foi o Apóstolo que Deus deu a Portugal naqueles tempos agitados. Apóstolo da Caridade lhe chamaram, e a placa da Avenida do Padre Cruz em Lisboa, a todos o lembra. Todo o apóstolo compreende a sensibilidade dos homens do seu tempo. E o Padre Cruz, enquanto viveu compreendeu os seus contemporâneos, e esta compreensão deu-lhe um acesso relativamente fácil aos corações sedentos de verdade, de ideal, de transcendência. O seu programa de apostolado traçou-o, em 1925, numa carta escrita ao Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, na altura, o Sr. D. António Mendes Belo: “Há muitos anos que eu me sinto atraído, talvez por especial vocação da misericórdia de Deus Nosso Senhor, para ajudar espiritualmente os presos da cadeia, os doentes dos hospitais, os pobresinhos e abandonados, a tantos pecadores e almas desamparadas que Nosso Senhor me envia ou põe no meu caminho. Tenho também grande consolação em ajudar os Párocos nos exercícios de piedade e mais encargos do seu ministério, indo por toda a parte levar, na medida das minhas forças, os socorros da religião a muitas pessoas a quem não é fácil chegarem por outra via. Ora tudo isto tenho sido, isto queria continuar a ser, por me parecer que é mais de honra de Deus”. O Padre Cruz, enquanto viveu, impressionou pelo que era: um testemunho que vive o que prega. O Padre Cruz, como verdadeiro homem de Deus, como verdadeiro sacerdote e como verdadeiro Jesuíta, não pregava com muitas palavras doutas e discursos eruditos; a simplicidade era a sua eloquência. Mas, com o seu modo original de ser, com as suas atitudes e o seu comportamento, revelava aos homens do seu tempo o amor de Deus, e com o seu exemplo proclamava a



todos que valia a pena experimentar este amor, para melhor servir os homens, seus irmãos. Ninguém dá o que não tem, diz o provérbio. O Padre Cruz, para poder dar Deus, tinha que ter Deus, para poder dar santidade, tinha que possuir santidade. Não admira, pois, que a sua passagem fosse uma bênção fecunda de graça. Não é de estranhar que hoje o Santo Padre Cruz seja tomado como modelo e incentivo para os que sentem os desafios das novas pobreza e injustiças, para lhes darem uma resposta de solidariedade, justiça e fraternidade. Portugal celebra já vários santos portugueses canonizados. Entre outros, cito S. João de Deus, S. António de Lisboa, S. João de Brito, mas aguardamos confiantes que o Padre Cruz seja elevado também à glória dos altares, para alegria de todos os portugueses.

Publicada por M.R. Guerra

### O PADRE CRUZ VENERÁVEL

Após entrega do Processo de Beatificação do Padre Cruz, a 17 de setembro de 1965, e Aprovação dos Escritos do Padre Cruz a 30 de dezembro de 1971, o Padre Cruz foi declarado “Venerável”, ou seja, foi reconhecido pela Santa Sé, que o Padre Cruz viveu uma vida de Virtudes Teologais: Fé, Esperança e Caridade e de Virtudes Cardeais: Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança.



## São José, Esposo de Maria



***Carta Encíclica de Sua Santidade o Papa Leão XIII sobre a necessidade de se recorrer ao Patrocínio de São José, junto ao da Virgem Mãe de Deus, nas dificuldades dos tempos actuais***

(...) Em tempos difíceis, especialmente quando o poder das trevas parece tentar de tudo em dano da cristandade, a Igreja costuma invocar humildemente a Deus, seu autor e protector, com novo fervor e major perseverança, bem como solicitar a mediação dos santos em cujo patrocínio tem mais confiança de encontrar socorro, em primeiro lugar a bem-aventurada Virgem Mãe de Deus, bem sabendo que os frutos desta piedosa oração e desta esperança cedo ou tarde aparecerão. (...)

Para fazer com que Deus seja mais favorável as nossas orações, e para que (...) derrame mais pronta e copiosamente auxílio a sua Igreja, cremos muito útil que o povo Cristo habitue-se a rogar com devoção e confiança, juntamente com a Virgem Mãe de Deus, também o seu castíssimo esposo São José. E temos bons motivos para crer que isto será particularmente agradável a Virgem Santa. (...)



Sabemos que a dignidade da Mãe de Deus é altíssima e que não pode haver uma maior. Mas dado que entre a beatíssima Mãe de Deus e São José existe um verdadeiro vínculo matrimonial, e também certo que São José, mais que qualquer outro, se aproximou daquela altíssima dignidade que faz da Mãe de Deus a criatura mais excelsa. (...)

Foi ele, de facto, que guardou com sumo amor e continua vigilância a sua esposa e o Filho divino; foi ele que proveu o seu sustento com o trabalho; ele que os afastou do perigo a que os expunha o ódio de um rei, levando-o a salvo para fora da pátria, e nos desconfortos das viagens e nas dificuldades do exílio foi de Jesus e Maria companheiro inseparável, socorro e conforto. (...)

Todos os cristãos, por isso, de quaisquer condições e estado, tem bons motivos para se confiarem e se abandonarem a amorosa protecção de São José.

Nele, os pais de família encontram o mais alto exemplo de paterna vigilância e providência; os cônjuges, o exemplo mais perfeito de amor, concórdia e fidelidade conjugal; os consagrados a Deus, o modelo e protector da castidade virginal.

Volvendo o olhar a imagem de José, aprendam os nobres a conservar a sua dignidade também na desventura; os ricos descubram quais são os bens que na verdade e necessário buscar e guardar zelosamente. E enfim, os pobres, os operários e todos aqueles que pouco tiveram da sorte, tem um motivo a mais - e todo especial - de recorrer a José e de tornado como exemplo: Ele, embora sendo de descendência régia, desposado com a mais excelsa entre as mulheres, e ter sido considerado como o pai do Filho de Deus, passou todavia sua vida no trabalho, provendo o necessário para si e para os seus, com a fadiga e a habilidade de suas mãos. (...)

José, contente do seu trabalho e do pouco que possuía, viveu com coragem e nobreza as angústias da vida, seguindo nisto o exemplo de Jesus, que embora sendo Senhor de tudo, fez-se servo de todos e não desdenhou abraçar voluntariamente a pobreza. (...)

E também útil e louvável que se consagre, como já se fez em muitos lugares, o mês de Marco ao Santo Patriarca, com exercícios diários de piedade em sua honra.



## São José o Patriarca campeão da Fé

A sua vida foi verdadeiramente uma obediência às iniciativas de Deus, iniciativas misteriosas, iniciativas além da possibilidade de entender. São José deixou-se conduzir porque era justo e “justo” é o homem que vive de fé.

Aonde o leva o Senhor? Não sabe, Deus não lhe disse, não lhe explicou nada e ele obedece assim mesmo. Disse sempre sim com a vida, não com as palavras. Nunca teve questões a perguntar, dúvidas a propor. São José age no silêncio.

E como é fecundo este silêncio! Ele permite que entre a palavra de Deus e a obediência de São José haja sempre continuidade. Deus fala e São José faz.

“Não temer...”, e ele não teme, e todos os dramas terminam.

“Levanta-te”..., e ele se levanta, e ele já está pela estrada.

“Volta...”, e é já está de retorno.

Esta rapidez de São José a todos os sinais do Senhor, demonstramos a sua bela disposição interior!

### São José é o Humilde

É maravilhoso este exemplo de São José que, mesmo sendo chefe de casa, está simplesmente ao serviço, com uma familiaridade feita de abandono e de continua dedicação. São José não mede a vida de Jesus e da Virgem nas suas exigências, mas coloca a sua vida ao serviço deles. Não parte para o Egipto quando é mais cómodo para ele, mas quando é para o interesse de Jesus.

### São José é um homem coerente

São José é um laico no senso mais substancial da palavra, laico porque não está caracterizado por nenhuma função oficial: é um homem como todos, inserido até o fundo nas realidades terrenas para se oferecer como suporte à Encarnação. O Verbo se encarna numa família onde São José é o chefe e vive na realidade das criaturas humanas, na condição mais universal, que é aquela do trabalho e da



pobreza. São José ensina-nos como se oferece ao Cristo o serviço de uma vida totalmente inserida nas realidades terrenas.

São José faz-nos compreender o conteúdo do serviço para o Reino e ajuda-nos a ser na história da salvação aqueles que em Cristo crêem, a Cristo obedecem e confiam.

São José deixou-se envolver pelo Senhor e conduzir por estradas misteriosas. Renunciou a entender e aceitou crer, renunciou a comandar e aceitou obedecer.

No entanto, acreditando, deixou-se conduzir pelo Senhor e o Senhor introduzi-o de um modo particularmente íntimo no mistério da Encarnação e da salvação.



**NOVO NÚMERO**  
**DE TELEFONE:**

**218 860 921**

**MORADA PARA envio de**  
**CORRESPONDÊNCIA:**

**Causa de Canonização do Padre Cruz**

**Apartado 2661**

**1117-001 LISBOA**



## ATENÇÃO

Não estando assegurada,  
pela Divisão de Gestão Cemiterial de Lisboa,  
a segurança na Capela do Cemitério de Benfica,  
vimos avisar todos os devotos do  
*Santo Padre Cruz* que ali se deslocam  
na data de Aniversário de Nascimento do  
Padre Cruz, que não será celebrada Missa  
pela Beatificação do Padre Cruz.  
na Capela do Cemitério de Benfica  
no dia 29 de julho.

**Abertura do  
Jazigo do Padre Cruz  
pelas 9h15**

**Aniversário de Nascimento:  
29 de julho  
Aniversário de Morte:  
1 de outubro**





## A Virgem, a Salvação e a Igreja

Cón. Henrique Soares da Costa

**V**amos, hoje, falar e meditar sobre alguns aspetos do papel da Virgem na história da salvação e na Igreja de Cristo.

Desde o princípio, Deus pensou na Virgem Maria em função do seu desígnio de salvar a humanidade, desposando a nossa natureza em Jesus Cristo. Quando o homem caiu, Ele nos abriu uma promessa de esperança, e nessa promessa, já estava presente a Virgem Maria: “Porei hostilidade entre ti e a mulher, entre tua linhagem e a linhagem dela. Ela te esmagará a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3,15). Esta mulher é aquela a quem Jesus se refere como “mulher” em Caná e aos pés da cruz (cf. Jo 2,4; 19,26); é aquela de quem diz o Apóstolo: “Quando chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de uma mulher...” (Gl 4,4). Esta mulher fora preanunciada pelos profetas de Israel, sempre ligada à vinda do Messias, que traria a bênção da salvação: “Eis que a Virgem conceberá e dará à luz um filho e pôr-lhe-á o nome de Emanuel” (Is 7,14); “Mas tu, Belém..., de ti sairá para mim Aquele que será Dominador em Israel... Por isso ele os abandonará até o tempo em que a Parturiente dará à luz (Mq 5,1s). O centro de nossa salvação e de nossa esperança é e sempre foi o Messias, o Cristo-Salvador. Mas, no desígnio do Senhor Deus, aparece no centro, que é Cristo, a figura dessa Mulher, ao mesmo tempo Virgem e Mãe. Ela não é o Centro, mas está no Centro, porque está no Cristo, em função dele e de sua missão salvadora.



É assim que Nossa Senhora aparece no Evangelho. Escolhida em Cristo antes da fundação do mundo (cf. Ef 1,4s), ela foi por Deus preservada da contaminação do pecado que marca a nossa raça. Por isso o anjo, ao dirigir-se a ela, deu-lhe o nome com o qual Deus a conhece desde toda a eternidade: “Cheia de graça”: “Alegra-te, ó Toda-Agraciada, ó Toda-inundada-pela-Graça” ( Lc 1,27). É assim que Gabriel a chamou, é este o nome da Virgem porque é isto que Deus fez nela: unicamente pela graça da paixão, morte e ressurreição do Senhor Jesus, a Virgem foi, por antecipação, libertada de todo o pecado. Como diz a fé da Igreja: “Puríssima, na verdade, devia ser a Virgem que nos daria o Salvador, o Cordeiro sem mancha, que tira os nossos pecados”. Como diz ela própria, cheia de júbilo: “O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas!” (Lc 1,49). Foi assim que a Virgem concebeu e deu à luz o nosso Salvador, o Cristo-Deus. Mas, no plano do Pai, esta maternidade da Virgem – sempre Virgem: Virgem concebeu e Virgem deu à luz (cf. Is 7,14) – não deveria ficar somente no plano biológico, mas também estender-se ao plano da graça. Por isso, Jesus foi educando sua Mãe para que passasse, pouco a pouco, da maternidade segundo a carne para a maternidade segundo o Espírito de Deus: “O que nasce da carne é carne; o que nasce do Espírito é espírito” (Jo 3,6). Foi um processo doloroso. Por isso mesmo, o Concílio Vaticano II diz que ela “peregrinou no caminho da fé” (LG 58). Já provada nesse caminho, ela, que sempre esteve unida ao seu Filho, apareceu pobre, madura e fidelíssima ao pé da cruz: “Conservou fielmente a união com seu Filho até a cruz, junto da qual, por desígnio de Deus, se manteve de pé (cf. Jo 19,25); sofreu profundamente com o seu Unigénito e associou-se de coração maternal ao seu sacrifício, consentindo amorosamente na imolação da vítima que ela havia gerado...” (LG 58). Vale a pena aprofundar um pouco o sentido da presença de Maria ao pé da cruz. Aqui, não se trata de uma simples cena doméstica, de intimidade familiar. Os personagens são: Cristo, a Mulher e o Discípulo Amado. A Mulher é a Virgem, aquela do Génesis, da inimidade com a serpente, cuja Descendência esmagará a cabeça da serpente; o Discípulo Amado é cada cristão, cada discípulo pelo



qual Jesus deu a vida, é a própria Igreja, comunidade dos discípulos amados. Pois bem, de modo surpreendente, Cristo entrega os seus discípulos e cada discípulo aos cuidados da Mulher: “Mulher, eis o teu filho” (Jo 19,26). Ela deverá cuidar maternalmente de cada discípulo de Jesus. Ela, que segundo a carne, dera à luz Cristo, Cabeça da Igreja, agora vai dar à luz segundo o Espírito que Jesus vai entregar na cruz (cf. Jo 19,30), ao Corpo, que é a Igreja. Depois, Jesus volta-se para o Discípulo – cada discípulo – e confia: “Eis a tua Mãe!” E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa” (Jo 19,27). É impressionante: Jesus não somente nos dá por filhos à sua Mãe, mas também dá a cada discípulo seu a graça de tomar a Virgem por Mãe e levá-la para a casa de sua vida. É muito significativo o modo como o Evangelho se exprime: “A partir dessa hora...” que hora? A hora da Páscoa, a hora de Jesus: “Paí, chegou a hora...” (Jo 17,1) A Virgem como Mãe da Igreja e Mãe de cada discípulo amado por Jesus é um dos frutos da Hora, da Páscoa de Cristo! Somente porque Jesus morreu e ressuscitou por nós, somente porque nos deu o seu Espírito, aquele Espírito que, ao inclinar a cabeça, entregou na cruz (cf. Jo 19,27), é que nós temos a graça e a honra de levar para nossa casa, a casa de nossa vida, a Virgem-Mãe de Jesus como nossa Mãe.

É esta mesma Virgem-Mãe que aparece em oração com a Igreja nos Actos dos Apóstolos (cf. At 1,14), simbolicamente, aparece como a Mulher plenamente gloriosa no céu, mas em dores de parto, envolvida no combate à antiga serpente do Génesis. Esta Mulher é ao mesmo tempo a Virgem Maria e a Virgem Igreja, pois uma é imagem da outra, como já ensinavam os antigos doutores da Igreja.

Assim sendo, “a Mãe de Deus é a figura da Igreja na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo. De facto, no mistério da Igreja, a qual também se chama com razão virgem e mãe, o primeiro lugar pertence à bem-aventurada Virgem Maria, por ser, de modo eminente e singular, exemplo de virgem e mãe” (LG 63). Por tudo isso, a Igreja volta-se para a Virgem Maria como seu exemplo, seu modelo, sua Mãe, fiel intercessora e a ela se confia.



## O PADRE CRUZ E A DEVOCÃO A NOSSA SENHORA

**N**ão há santo em cuja vida a devoção a Nossa Senhora não tenha tido um lugar excepcional.

Do Padre Cruz, dizem aqueles que mais intimamente o conheceram: «Amou e propagou o culto da Santíssima Virgem com extraordinário fervor, não perdendo nenhuma ocasião de se lhe referir em público e em particular com expressões da maior reverência e afecto, invocando o seu patrocínio constantemente e exortando os seus ouvintes a manterem e aumentarem a sua devoção».

Gostava de repetir estas palavras de Santo Estanislau Kostka: “Como não hei-de amá-la, se Ela é minha Mãe?” E acrescentava, com uma piedade impressionante, esta oração: “Ó meu bom Jesus, assim como Vós dissestes a vossa Mãe Santíssima, a respeito de S. João Evangelista, eis ai o teu filho, dissei as mesmas palavras a respeito de cada um de nos. E Vós, Virgem gloriosíssima, mostrai que sois nossa Mãe e alcançai-nos de vosso amado Filho, misericórdia”.

Era enternecedor o modo como ele dizia, referindo-se a Nossa Senhora: “a nossa Mãe Santíssima”. Era toda a ternura dum filho, junta a veneração sem limites pelas suas virtudes e privilégios.

Nada apreciou mais em toda a sua vida como ser filho de Maria, Congregado de Nossa Senhora.

O seu nome figura como Protetor no catálogo da Congregação Académica de Braga, em 1888. Já velhinho, ainda considerava a sua entrada para a Congregação Mariana como uma das maiores graças que Deus lhe tinha concedido - como se aquela fita azul o tivesse prendido ao céu!

Mostrou sempre grande dedicação pelas Congregações Marianas e, após a proclamação da República, teve ocasião de pagar a sua dívida de gratidão a Deus e a Maria, com os serviços que prestou à Congregação de Maria Imaculada e Santa Inês, que a expulsão dos Jesuítas de Portugal deixou sem Diretor.

Durante o tempo em que foi Diretor desta Congregação (de 1911 a 1926) restabeleceram-se as reuniões de piedade e de trabalho,



procedeu-se à inauguração dum novo espaço de recreio (1914), a que em breve se juntou uma aula de costura, uma vez por semana, para crianças mais crescidas; e anos volvidos (em 1921) a aula de costura transformou-se numa Escola Primária, com grande influência nas próprias famílias das alunas, legitimando-se muitas uniões ilícitas, fazendo batismos e assistindo aos moribundos. (Estamos a reconhecer, todo inteiro, o nosso Padre Cruz!) Também se reorganizou a Biblioteca, criou-se um curso de religião e estabeleceu-se a prática de receber anualmente o Sagrado Lausperene. Voltou-se também ao costume dos Exercícios Espirituais anuais e iniciou-se o auxílio a um seminarista pobre do Patriarcado. (Mais uma vez reconhecemos o nosso Padre Cruz!)

Num folheto publicado nas “Bodas de Oiro” da Congregação, ocorridas em 7 de dezembro de 1932, depois de relatado o que acabamos de expor, lê-se: “Por certo, às orações daquele santo Sacerdote devemos não ter a Congregação soçobrado nos aflitivos dias de após a implantação do novo regime”.

Tendo ocupado o lugar do Padre Joaquim Abranches, S. J., nunca o Padre Cruz se quis considerar mais do que um humilde substituto desse Sacerdote, desejando que em tudo se continuassem a seguir as suas diretrizes.

Quando havia alguma resolução mais importante a tomar, dizia às senhoras do Conselho: “Escrevam ao senhor Padre Abranches”. E depois perguntava: “Então, que diz lá o nosso Diretor?”

Logo que os Jesuítas regressaram a Portugal, restituiu-lhes o lugar de Diretor da Congregação, dizendo com um sorriso: “Quando se levanta o Sol, desaparecem as estrelas!”.

Mas, mesmo depois de deixar a direção da Congregação, continuou a interessar-se por ela. Na receção do Sagrado Lausperene (feita a expensas da Congregação uma vez por ano), era ele sempre o orador à tarde, e em muitas outras ocasiões manifestou a sua inalterável dedicação.

O seu nome figura como Diretor do Mensageiro de Maria no número de dezembro de 1910, após a expulsão dos Jesuítas.



Gostava muito de pregar sobre Nossa Senhora, e fazia-o com tal “devoção e extraordinário amor” que ficaram na lembrança as suas práticas.

“Era a festa de Nossa Senhora das Dores. Fez uma prática, e tal era a sua piedade e o seu transporte, que as lágrimas lhe corriam abundantemente dos olhos e comoviam toda a assistência”, escreveu D. João Evangelista de Lima, Arcebispo-Bispo de Aveiro.

A soledade de Nossa Senhora sugeria-lhe imagens vivas, como se ele próprio tivesse regressado com Ela do sepulcro, onde “o baque da pedra que o fechou esmagou o coração puro e terno da mais extremosa e mais consoladora das Mães”.

E como ele próprio sentisse “no seu peito uma parte das dores da Mãe Dolorosa”- chorava.

A devoção do Padre Cruz por Nossa Senhora não era apenas o sentimentalismo pueril de alguns cristãos: era a força da teologia, que reconhece em Maria a Mãe de Deus e dos homens, a Mãe da Igreja, a Medianeira de todas as graças.

O Terço não lhe saía das mãos, porque tinha sempre que pedir... E a devoção a Nossa Senhora enchia-lhe a alma, porque o mistério de Maria é o mistério de Deus, do Verbo encarnado no seu seio puríssimo.

Amava-A com amor de sacerdote, que com Ela aprendeu a dizer *fiat*, para servir o Senhor. Amava-A como verdadeiro filho da Ordem Religiosa que aos seus filhos recomenda especialmente a “devoção à Bem-aventurada Virgem Maria, que a nossa Companhia sempre honrou como uma Mãe dulcíssima», e ao Coração Puríssimo da qual se dedicou e consagrou. Amava-A como português, fiel à vassalagem jurada pelo primeiro Rei de Portugal, que pôs o Reino e as suas gentes debaixo da tutela e proteção da Bem-Aventurada Virgem Maria.

Seria repetir-nos insistir sobre a devoção do Padre Cruz pelo Terço: trazia-o sempre consigo, e quando a morte o fulminou, o seu gesto instintivo foi ainda agarrar-se a ele.

Também nos parece supérfluo referirmo-nos a todas as práticas de piedade do servo de Deus por Nossa Senhora.





Agradecem as graças alcançadas por intercessão do *Santo Padre Cruz* e, em sinal de gratidão, contribuíram para a Causa de Canonização do Servo de Deus.

Mais uma vez venho agradecer ao *Santo Padre Cruz* por a minha neta não ter sido operada e estar melhor.

Peço, ao mesmo tempo que eu melhore.

*Maria Emília Rodrigues Sousa (Lisboa);*

Agradeço graças recebidas por intermédio do bondoso Padre Cruz, que tanto me tem ajudado na minha vida, porque eu tenho muita fé na sua intercessão junto de Deus.

Obrigada.

*Olga Rocha (Santa Marinha do Zêzere);*

Tenho um irmão que vive em Londres com a família, tem esposa e uma filha e eram felizes, até que um dia uma mulher casada se quis envolver com o meu irmão para lhe destruir o casamento.

O meu irmão mudou-se para mais longe mas a mulher sempre o procurou até que o meu irmão tentou suicidar-se. Vieram para Portugal e numa ponte, no Porto, tentou matar-se.

Foi então que com muita fé, pedi ao Padre Cruz que nenhuma tragédia acontecesse e a mulher o deixasse em paz. O meu irmão cá não tinha trabalho e voltou com a família para Londres.

Eu estou crente que foi por intercessão do Padre Cruz que essa mulher não o voltou mais a procurar e já passaram 20 anos.

Eu quero muito agradecer este grande milagre ao Padre Cruz.

*Maria José Pais (Avanca).*





*D*ERAM *E*SMOLA

e

*A*GRADECEM *G*RAÇAS

Maria Gordo (New Bedford, EUA); António Joaquim Branco (Amadora); Clementina Tavares Silva (Lever); Maria Adelaide R. Branco (Amadora); Maria Azevedo da Silva (Porto); Maria Emília Paulista Barrigana (Alcochete); Maria Inácia António (Portimão); Maria Isabel Mendes Ribeiro (Paços de Ferreira); Maria Luisa Santos Almeida (Coimbra); Maria Madalena Coelho Guimarães (Belas); Sandra Elisabete Santos Rodrigues (Castelo Branco); Margarida Maria Teixeira Balsemão (Porto); José Manuel Costa (Meinedo); Maria Manuela da Cruz Nunes (Torres Vedras); Adolfo e Maria Nazaré Portela (Tomar); Emília Maria

Palminha Estanque (Póvoa de Santa Iria); Olindina Tavares de Almeida (Amadora); Filomena Azevedo (Calheta, Açores); Palmira Rocha Gomes Tente (Vila Nova da Barquinha); Maria Isabel Jesus (Funchal, Madeira); Marcelina Alves H. Eiras (Ponteinha); Maria do Céu João Ladeira Pinto (Gouveia); Eulália Simões Nunes (Lisboa); Alice Machado Morgado e Júlia Marques (Costa da Caparica); Joaquim Luiz Gomes (Lisboa); Maria de Deus Lima Brum (Vila Franca do Campo, Açores); Maria Gilda Martins Furtado da Rosa (Ponta Delgada, Açores); Albertina Fernandes Gomes (Valença); Olga Diniz (Kanata, Canadá); Maria F.





Ponte (Fall River, EUA); Maria Manuela Sousa (Lisboa); Delmira Pinheiro Miranda (Lisboa); Júlio de Almeida e Sousa (Ílhavo); Maria Odete da Costa Pereira Gomes, Isabel Maria Lopes Gomes, Ludovina Inês Lobo Mendes Pacheco e Carmen de Jesus Taipa Lopes (Freamunde); Ludovina Rosa Meira Marmelo (Portalegre); Eva Santos (Petaluma, EUA); Maria Luisa Leal Graça (Algés); Maria Isabel de Jesus (Fânzeres); Maria Solange Silva Cunha (Lisboa); Maria Eugénia Pedrosa (Lisboa); Ema Luisa Pinto Calado (Lisboa); Américo Fernando Silva e Sousa (Carreira); Linda Rosa Nunes Rocha da Silva Couto (Penafiel); Maria Conceição Mendes (Cernache); Isolina Júlia Ferreira (Braga); Berta Eugénia Gomes e Castro (Espinho); Clementina Tavares Silva (Lever); Maria Inês Pereira Conceição Casaca (Ovar); Angelina Pinto (Lisboa); Alzira Teixeira (Bragança); Maria de Lourdes Dorcas Martinho (Mem Martins); Maria Luisa Santos Almeida (Coimbra); Maria Natália Borges (Lisboa); Teresa Sacchetti (Attleboro, EUA); Maria Leonor Gomes (Lisboa); Maria Manuel Pinto (Ermesinde); Natália Borges Saragiola (Bad Liebenzell, Alemanha); Vitalina Gonçalves Barbosa (Agrela); Maria Inez Vaz Valente (Amadora); Maria Jesus Carvalho (Figueiró); Connie Medeiros e família (Massachusetts, EUA); Belmira Maria Dias (Sertã); Teresa Maria Dias Almeida (Lisboa); Irene; Maria do Campo Farinha (Lisboa); Gonçalo Silva Bernardes (Pedome); Maria Rosa Crisóstomo (Vila Flor); Manuel Dias (Lisboa); Maria do Céu Ferreira Vieira (Braga); Antónia Carrega Barata (Alcains); Maria José Falcão (Tomar); Maria Alice Freitas (Fafe); Maria Adelaide Ferreira (Peso da Régua); Maria de Lourdes Loureiro Alves (Matozinhos); Maria Noélia Cunha Espinola (Santa Cruz da Graciosa, Açores); Maria Sameiro Peixoto (Vila Nova de Gaia); Maria Da Silva (Stoughton, EUA); Natália Arruda (Edmonton, Canadá); Maria Paiva Glória (Calgary, Canadá); Maria Cristina Santos Dias Charrão (Lisboa); Silvina Vital (Atalaia); Fernanda Augusta Gil Ferreira (Pombal); Ermelinda Ribeiro (Porto); Joaquim Mancebo (N. Providence, EUA).





## *Campanha de Missas pela Beatificação do Padre Cruz*

Maria Beatriz Guerra (Bena-vente); Alípio Lopes Gomes (São Pedro da Torre); Maria Amélia Santos Moreira (Cascais); Maria Amélia Santos Moreira (Cascais); Augusto Ferreira Santos (Gondomar); Manuel António Lourenço (Soure); Maria Alzira Costa Moutinho (Nogueira); Maria Beatriz Guerra (Benavente); Maria Teresa Teixeira (Olival Basto); Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); Beatriz Fátima e Maria Emília Morais (Coimbra); Eulália Si-mões Nunes (Lisboa); António Xavier Forte (Escudeiros); Alice Machado Morgado e Júlia Marques (Costa da Caparica); Maria de Deus Lima Brum (Vila Franca do Campo, Açores); Maria Gilda Martins Furtado da Rosa (Ponta Delgada, Açores); Ana Maria Costa Bravo Duarte

(Monforte); Ludovina Rosa Meira Marmelo (Portalegre); Eva Santos (Petaluma, EUA); Francisco Américo Pereira da Nóvoa (Porto); Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); Maria Graciete Neves Sandinha (Lousã); Connie Medeiros (Massachusetts, EUA); Irene; António Xavier Forte (Escudeiros); Fernanda Augusta Gil Ferreira (Pombal); Carlos Alberto Neves (Meda); Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); Maria Vitória Ribeiro (Almeirim); Jorge Manuel Fonseca Almeida (Lisboa); António Xavier Forte (Escudeiros); Ana Vaz Ferraz (Vila de Prado); Maria Teresa Teixeira (Olival Basto); Glória Mendes Santos Pita (Almada); Alice Jesus Costa Pé-Curto (Costa de Caparica); Otilia Ressurreição Afonso (Bragança).



## Que é preciso para a Canonização do Padre Cruz?

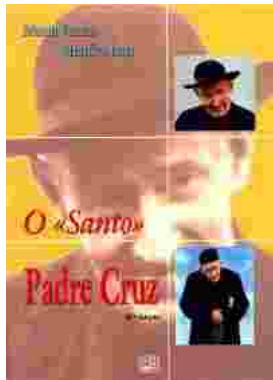
A resposta é simples: que a Igreja, pelo seu Chefe Supremo, o Vigário de Cristo, dê o seu veredito. Mas a Igreja não procede, nesta matéria, de ânimo leve. Por isso tem de ter a certeza de o servo de Deus ter praticado todas as virtudes em grau extraordinário.

Exige também um sinal do céu: o milagre, obtido por intercessão do Padre Cruz. exige até dois. O milagre é um facto religioso, isto é, supõe a oração ou intercessão de um justo unido intimamente a Deus; sensível, ou seja certificável pelos sentidos, e inexplicável pelas forças da natureza. Não basta alguém declarar simplesmente que houve milagre, será preciso prová-lo. E isso faz-se com todo o rigor, por meio de um processo.

Constituído um tribunal pela autoridade da Igreja, são ouvidas as testemunhas e o «miraculado» deve ser minuciosamente examinado por um ou mais peritos, para saber se acura foi real e perfeita ou não.

## DATAS PRINCIPAIS DA VIDA DO PADRE CRUZ E DO SEU PROCESSO DE CANONIZAÇÃO

<b>Nascimento:</b>	29-7-1859	<b>Entrada na Companhia de Jesus:</b>	3-12-1940
<b>Estudos Secundários em Lisboa:</b>	1868-1875	<b>Madeira e Açores:</b>	1942
<b>Universidade de Coimbra:</b>	1875-1880	<b>Morte em Lisboa:</b>	1-10-1948
<b>Ordenação Sacerdotal:</b>	3-6-1882	<b>Processo de Beatificação em Lisboa:</b>	10-3-1951 a 26-6-1965
<b>Diretor do Colégio dos Orfãos - Braga:</b>	1886-1894	<b>Entregue à Santa Sé:</b>	17-9-1965
<b>Diretor Espiritual em S. Vicente de Fora:</b>	1896-1903	<b>Aprovação dos Escritos e Declarado Venerável:</b>	30-12-1971



## O SANTO PADRE CRUZ

Maria Joana Mendes Leal

A vida do *Santo* Padre Cruz, obscura e gloriosa, apagada e empolgante, é dos testemunhos mais eloquentes dos nossos dias...

8ª edição: 11€.

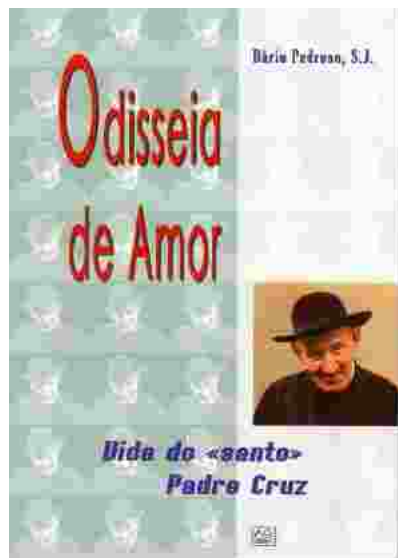
## ODISSEIA DE AMOR - Vida do "santo" Padre Cruz

Dário Pedroso, S. J.

Mais uma biografia do Padre Cruz? Sim e não. Sim, porque se trata de apresentar os momentos mais significativos da vida deste sacerdote exemplar, a quem o povo há muito «canonizou». Não, porque o Autor escolheu uma aproximação deveras original: colocando o P. Cruz a falar com um jovem interlocutor imaginário, faz desta narrativa biográfica quase uma “autobiografia”, na qual tudo resulta da «odisseia» do amor de Deus na vida do Padre Cruz.

São páginas repletas de simplicidade e confiança em Deus, bem ao jeito do biografado.

1ª edição: 7€.



## GRAÇAS DO PADRE CRUZ S. J. REVISTA TRIMESTRAL

Proprietário: Província Portuguesa da Companhia de Jesus  
Estrada da Torre, 26 1750-296 Lisboa

Diretor: P. António Reis S.J.  
Sede da Redação: Rua da Madalena, 179 R/C  
Apartado 2661  
1117-001 LISBOA

Telef.: 218 860 921  
Site: <http://www.padrecruz.org>  
e-mail: [causapadrecruz@padrecruz.org](mailto:causapadrecruz@padrecruz.org)

Impressão e acabamento: Gráfica Almondina - Torres Novas - Tiragem: 2.000 exemplares  
Registo: I.C.S. 102106 - Depósito Legal: 17.244188

Pedidos: Na sua Livraria ou na Editorial A. O. - Largo das Teresinhas, nº5, 4714-504 BRAGA.  
Deve enviar com o seu pedido, cheque ou vale postal.